

DE CORPO E ALMA

*Mônica Martins de Godoy Fonseca**

RESUMO:

O trabalho parte da afirmação feita por Jacques Lacan no Seminário²⁰ “Mais, ainda...” de que seu estilo se alinharia mais ao barroco.

A partir daí pode-se pensar na articulação entre Psicanálise e Barroco. Características do barroco estão presentes no pensamento e prática analítica. Para se ter uma condução ética da psicanálise é possível afirmar que não se pode deixar de lado o “barroquismo” que herdamos do século XVII. É a isto que esse trabalho visa. Nos instigar a pensarmos sobre religião, ciência, e arte a luz da psicanálise lacaniana.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise. Barroco. Ética. Lacan.

* Psicóloga e Psicanalista. Reside em Belo Horizonte, MG, avenida Prudente de Moraes, 287/709, bairro Cidade Jardim. E-mail: monicagodoy2007@yahoo.com.br

LACAN É BARROCO.?!

“Como alguém percebeu recentemente, eu me alinho mais do lado do barroco”. (Lacan, 1985, p. 145).

*“Meu discurso participa do barroco”.
(Lacan, 1985, p. 154)*

O que quer dizer Lacan com essa afirmação? Isso me levou a pesquisar algumas coisas sobre o barroco.

DA ETIMOLOGIA

Segundo alguns, procede da voz ao barroco. Vocábulo mnemotécnico que designa certo gênero de silogismo que leva a conclusões surpreendentes, subvertendo as regras lógicas dos pensamentos.

Outra versão menciona o nome que os portugueses davam a uma pérola de forma irregular. Estas eram chamadas de pérolas barrocas, as quais por sua irregularidade eram mais baratas do que as pérolas redondas.

DA HISTÓRIA DO BARROCO

O século XVII foi a sua moldura histórica.

Em 1688, o termo barroco foi empregado num tratado sobre câmbio monetário, com o significado de “fraude”. Em 1740, aparece no sentido de irregular, estranho, em 1743, como bizarro e em 1788, como extravagante.

Até fins do século XIX, o barroco foi visto como arte decadente, espúria ou bastarda, encarado com evidente má vontade por historiadores e filósofos da arte. Barroco era sinônimo de mau gosto.

Só depois do êxito do Impressionismo, com o início da arte moderna, o barroco começou efetivamente a ser considerado, revisado e aceito.

CARACTERÍSTICAS DO BARROCO

Como todas as grandes formas estilísticas, o barroco é a expressão cultural de uma época. Manifesta-se tanto nas artes visuais quanto na literatura, na música, na filosofia, nas ciências, na religião, na economia e na política.

NA ARTE LITERÁRIA

Na arte literária, caracteriza-se pelo emprego das hipérboles, das antíteses, dos assíndetos, dos adinatos, do oxímoro, da anáfora, da construção parentética, do anacoluto, dos valores que exprimam exuberância ornamental e, sobretudo, tensão e conflito. (Por exemplo, dizer o não dito.)

Expressa-se por intermédio de categorias estilísticas que realizam a antítese como paradigma estético.

Toda a sua estrutura formal orienta-se para produzir “violentas desarmonias” (pulsão de morte).

NA MÚSICA

Uma música barroca é aquela cuja harmonia é confusa, carregada de modulações e dissonâncias, de entonação difícil e de movimento forçado (Traz o sofrimento, a angústia, o tormento do ser.).

NAS ARTES VISUAIS

A idéia do barroco arrasta consigo o ridículo levado ao excesso.

No seu afã de criar um mundo de ilusões, o artista barroco se permitia a mais total liberdade no tocante ao uso dos materiais, rompendo igualmente com as convenções que compartimentavam as várias categorias ou gêneros artísticos. (Dizer do impossível de maneiras inéditas.)

O barroco não aspira a uma persistência tranqüila, conclusa em si mesma, como o estilo clássico, mas a um perpétuo vir-a-ser, para dar à vista consciência da idéia do movimento.

No desejo de destacar as energias em sua máxima tensão, criam-se conflitos de força, fazendo surgir contradições.

Nenhuma época empregou artifícios tão extraordinários como a pintura do século XVII. Inventaram-se intencionalmente as posições mais anormais com o fim exclusivo de poder mostrar o jogo natural dos ossos, dos músculos, da pele etc. (Mostração...).

A representação completamente nova dos entusiasmos místicos, mediante uma mobilidade corporal exagerada, com os movimentos como batalhas, resultou em obra de grande impacto emocional também no campo da escultura. Provavelmente o exemplo mais

conhecido é *A visão de Santa Teresa* (1645), de Benini, que espiritualiza a matéria, ao envolver o mármore num grande impulso religioso. A pedra se anima em movimento aéreo, o corpo se solta num *frisson* místico de grande impacto e beleza.

No barroco, importa sempre a ação. O olhar mais que a visão, o ouvir mais que o ouvido, a fala mais que a boca, e assim o gesticular, o caminhar, a torção corporal ou mesmo do objeto.

O BARROCO E A RELIGIÃO

Por vezes visto como a arte da Contra-Reforma, o barroco constituiria a expressão de uma cultura católica com seus valores particulares, suas contradições e sua veemência geral. Nas igrejas barrocas, há nuvens por toda a parte, anjos tocando música e gesticulando no paraíso, tudo parece mover-se e dançar, e a arquitetura que cerca o altar parece oscilar ao ritmo dos cânticos. Nada é natural ou normal em semelhante igreja, a intenção é fazer-nos gozar a glória.

O século XVII é o século da meditação, herança de São João da Cruz (a noite escura), de Shakespeare (ser ou não ser), de Descartes (a dúvida como instrumento do pensar). Depois de Lutero, que defendia a autoridade da consciência contra a autoridade da igreja, a fé não é mais uma afirmação: é uma angústia sem fim. O homem barroco é marcado por dualidades: razão x fé, igreja x reis, celeste x terreno, emocional x racional. A luz que serviu para iluminar as festas palacianas agrava agora o drama humano.

A PSICANÁLISE, LACAN E O BARROCO MAIS, AINDA

Façamos um paralelo do movimento barroco com o “movimento” proposto por Lacan na psicanálise.

Depois de Freud (com seu estilo clássico de escrever), os pós-freudianos colocaram a psicanálise numa posição crítica. As regras, leis e normas pretenderam dar conta “do recado” e com isso a causa se perdeu.

Lacan vem para quebrar a ordem estabelecida e trazer o saber analítico (genialmente postulado por Freud) para outra dimensão. A dimensão do gozo, do real, da topologia, dos nós, do objeto a, dos discursos e seus giros, dos cartéis e suas destituições, do passe, da Escola, dos buracos e suas bordas, do mais-de-gozar e da letra...

O universo que nos é apresentado por Lacan em seus seminários e também em suas conversas e seus escritos trazem uma revolução! Desaloja, incomoda, questiona, critica, faz ruptura. O movimento causado por ele não poupa nada nem ninguém.

Ele nos convida a questionar tudo: a arte, a ciência, a religião, a filosofia, a psicanálise, a matemática, a lingüística.

Assim como no barroco, os efeitos do pensamento lacaniano vão se fazendo presentes em diversas instâncias.

Ele nos convida a perceber que o sujeito possui um funcionamento baseado em sua estrutura de gozo.

Esse modo de funcionar faz toda a história do ser. Ele afirma que o ser, ao contrário do que se diz em outros discursos (como o da ciência, por exemplo), o ser não quer saber. Não estamos todos buscando um deciframento, uma maior compreensão.

Lacan nos enuncia em mais uma de suas difíceis fórmulas: “o inconsciente não é que o ser pense (...), o inconsciente é que o ser falando, goze e não queira saber de mais nada, não queira saber de coisa alguma” (Lacan, 1985, p.143).

Por trazer essas verdades, ele (assim como o barroco) também é mal visto, sofre severas críticas e acaba sendo expulso. Ao prosseguir seu percurso, Lacan faz aparecer em ato o que teoriza e afirma ser a estrutura do ser falante. Nessa “mostração”, da estrutura borromeana, da banda de moebius e outras figuras topológicas tão esclarecedoras (apesar de difícilíssima compreensão) temos a oportunidade (assim como diante de uma obra barroca) de vivermos na carne a verdade do ser.

Qual seria essa verdade? Antes de pensarmos na resposta, cabe ressaltar que é justamente em relação a essa verdade que a religião, a ciência, a arte etc. se reportam. Mas a posição é diferente em cada uma delas. Todas são formas de “suplência”, tentam dar uma resposta consistente a essa questão sobre a verdade, cada qual a seu modo. A psicanálise também faz o mesmo. Só que com o discurso analítico o que aparece é outra coisa...

A verdade, segundo Lacan é: não há relação sexual.

O que, dito de outra forma, equivale a dizer que o encontro que se pretende não é possível porque jamais se deixa para traz o vazio fundamental que nos funda como seres humanos.

Lacan diz que os seres humanos, brincando com o som: humor insano, resto infeliz do inamor. Vivem arrastando pelo mundo essa falta, essa hiância própria à sexualidade do ser falante.

Diante dessa verdade, cada um faz o “truque” que lhe cabe para tentar uma resposta que sirva de tamponamento. Examinemos o Catolicismo, aos olhos do barroco...

Lacan diz que o barroco é a historieta do Cristo, que conta, portanto, como Cristo veio para salvar não aos homens, mas a Deus e para tanto pagou, por isso, com sua

vida. A resposta à verdade que o Catolicismo prega visa dessexualizar o ser falante, protegendo-o (tentando repetidamente) do encontro com o objeto a, com o corpo, com a mulher, com o gozo do Outro.

No barroco, isso fica muito claro! Ali se pode observar que, apesar de toda a mostraçãõ do corpo, de toda a delícia, todo o delírio, toda a obscenidade com que pretende tocar as almas, a cópula não se apresenta.

O barroco é a regulação da alma pela escopia corporal. O gozo dos mártires, que significa testemunha de um sofrimento mais ou menos puro, nos leva a pensar que a paixão sofrida por uma pessoa constituiria o gozo da outra, propiciando assim um encontro místico sem falar em cópula. Um bom exemplo é a estátua de Bernini (citada anteriormente) de Santa Teresa. Ela, segundo Lacan, está gozando...

O gozo acontece de diversas formas menos por meio da cópula. Essa é deixada de fora, apesar de toda a exibição do corpo evocando o gozo.

E assim a arte, a serviço da religião e do pensamento social, cultural, filosófico, cumpre seu papel! O de mostrar o fracasso do encontro de “almas”, do encontro dos sexos.

O exemplo maior desse “encontro” se daria entre Cristo e sua esposa (A Santa Madre Igreja).

Sua esposa (a Igreja) teria o tão desejado encontro pela incorporação do seu corpo ressuscitado, da comunhão da eucaristia, onde os dois se tornam “um só”. Nesse encontro místico, o que se oferece é o “corpo e sangue derramado pelo ser amado”, que garantirá a eterna aliança. Essa libra de carne recebida pela amada pretende ser o que lhe falta para que todas as falhas possam ser perdoadas, tamponadas.

Enquanto nas relações amorosas entre sujeitos de “corpo e alma”, há sempre um desencontro, uma diferença entre o gozo obtido e o gozo esperado, aí se pretende uma

simetria. Lacan formula um dito para marcar essa impossibilidade trazida no encontro amoroso: “eu lhe peço que você recuse o que lhe ofereço porque não é isso” (Lacan, 1985, p.152).

Amar é dar o que não se tem!

Mas essa categoria de amor proposta pela religião supõe que o Amado tenha TUDO! Sendo assim, Ele deveria poder dar o “é isso” que faz a falta. Só que isso não acontece!

O ser que, por natureza, fala, continua esburacado e precisa repetir novamente todo o ritual.

A cada reencontro, com a impossibilidade, os cristãos têm um horror do que lhes é revelado. Mesmo nas escrituras Santas – por onde Deus se manifesta – o que não cessam de repetir não é outra coisa senão o fracasso das tentativas de uma sabedoria de que o ser seria o testemunho.

E com isso, a religião católica se apresenta como religião verdadeira!

Verdadeira em apresentar – apesar de todo o horror – a impossibilidade que marca os que vivem de falar.

Lacan, de forma polêmica, propõe-nos pensar o “truque” promovido pela religião católica sob esse prisma: Do barroco.

Ele também se localiza aí do lado do barroco, quando diz: “meu discurso participa do barroco” (Lacan, 1985, p.154) ou “é nisto que encontro o barroquismo com o qual aceito ser vestido” (Lacan, 1985, p.154).

E depois de revirar do avesso os truques da ciência, da filosofia, do budismo, chega ao truque da psicanálise.

Barrocamente ele nos diz que a psicanálise vem fazer aí uma diferença. “Os truques” manejados pela religião (não só a católica), pela ciência, pela arte, para manter “sob

controle” a angústia da falta, e graças aos quais o gozo pôde satisfazer o pensamento do ser se caracterizam sob o preço de uma castração.

Também no discurso analítico o sujeito vai se dando conta de todo esse negócio infernal que é viver de falar! Só que, aos poucos, vai esvaziando de sentido seus saberes e vai se percebendo só como traço, como letra que circunda um buraco vazio!

Começa a tornar possível viver com a falta de sentido e a perceber que, aliás, é bem disto que se trata: não há sentido pré-existente, tudo depende! Um ponto de vista é só a vista de um ponto.

E assim, cabe-nos tentar a cada dia, a cada sessão de análise, supervisão, colóquios, congressos, fazer avançar a clínica psicanalítica e, quem sabe, tornar mais familiar o estranho proposto por Lacan, como, aliás, a humanidade fez com o barroco.

REFERÊNCIAS

CROCE, Benedetto. *Storia dell'età barroca in Itália*. Milano: Adelphi. 1993, 656 p.

CALCATERRA, Carlo. *Il Parmaso in rivolta*. Milano: Mondadori, 1940.

HATZFELD, Helmut. *Estudios sobre el barroco*. Madrid: Gredos, 1964.

História Geral das artes. Ediciones Prado, 1966.

LACAN, Jacques. *O Seminário, Livro 20, Mais ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

MILLER, Jacques-alain. *Los signos del goce*. Buenos Aires: Piados, 1998.

WELLER, René. *The concept of baroque in literary scholar ship*.

OF BODY AND SOUL

ABSTRACT:

The work is based in Lacan's 20th seminary "procurar o nome do livro em inglês" affirmation that his style would go more with the lines of the baroque. From that point forth, it is possible to think about the articulation between the Psychoanalysis and the Baroque. Characteristics of the baroque are present in the analytical thought and practice. For an ethic conduction of the psychoanalysis to happen, it is possible to say that you cannot leave aside the "baroquism" inherited from the XVII century. The aim of this work is to inspire us to think about religion, science and art; the light of the lacanian psychoanalysis.

KEYWORDS: Psychoanalysis; Ethic; Baroque; Lacan

DE CORPS ET D'ÂME

RESUMÉ:

Ce texte prend part d'une affirmation de Jacques Lacan, Le Séminaire 20 - *Encore* -, selon laquelle son style se rapprocherait plutôt du baroque. Dès lors on peut concevoir une articulation entre la Psychanalyse et le Baroque. Des caractéristiques du baroque sont présentes dans la pensée et dans la pratique psychanalytiques. Pour conduire la psychanalyse d'une façon éthique, il est possible d'affirmer qu'on ne peut pas mépriser le côté "baroquisme" que nos avons hérité du XVIIe siècle. Voilà le but de notre travail: instiguer à une réflexion sur la religion, la science et l'art à la lumière de la psychanalyse lacanienne.

MOTS-CLÉS: Psychanalyse. Éthique. Baroque. Lacan.

Recebido em 20/02/2008

Aprovado em 10/05/2008

© 2008 *Psicanálise & Barroco em revista*
Núcleo de Estudos e Pesquisas em Subjetividade e Cultura
CEP: 36036-330 – Campus Universitário – ICH – UFJF
Juiz de Fora, MG – Brasil.
Tel.: (32)2102 3117

revista@psicanalisebarroco.pro.br

www.psicanalisebarroco.pro.br/revista